



The Poetics of the Image in the Forming Space:
the (Re)Significance of the Experience from the
Narratives That Inhabit Me

Ana Paula Neves Silveira and Sandra Lúcia Ferreira

EasyChair preprints are intended for rapid dissemination of research results and are integrated with the rest of EasyChair.

September 1, 2020

A POÉTICA DA IMAGEM NO ESPAÇO FORMADOR: A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS NARRATIVAS QUE ME HABITAM

Ana Paula Neves Silveira; Sandra Lúcia Ferreira

Universidade Estadual Paulista de Artes (UNESP); Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)

apnevessilveira@gmail.com; 07sandraferreira@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar a importância de dois espaços privilegiados na formação dos sujeitos: a casa e a escola, entendendo-os como lugares de acolhimento, ensino e vivências que compõem um conjunto de imagens que identifica o sujeito. A investigação faz parte do processo monográfico da primeira autora, em continuidade ao seu percurso acadêmico (2015-2020), no qual, norteada pelo conceito da casa como espaço de imagens poéticas intrínsecas ao ser, a entende como o primeiro espaço de habitar, lugar onde acontecem ações associadas ao bem-estar. Deste modo, pensar os espaços formadores muito preocupa quando vemos na atualidade, em decorrência da rapidez do tempo, um barateamento da convivência e experiências. E nesta falta, que lugar teremos para buscar as imagens do nosso eu mais imaginativo? Observamos que a perda da vivência criativa prejudica a construção do repertório e a ação dialética entre o que me passa e o que me acontece. A partir do levantamento bibliográfico, articulo os conceitos de *imagem e espaço*, *experiência*, *criatividade* e *narrativas autobiográficas* a fim de ampliar a singularidade do ser no exercício de narrar a sua história por meio de qualquer expressão artística, a partir dos espaços do habitar.

Palavras-chave: espaço formador, habitar, imagem, narrativas autobiográficas, experiências, criatividade

Résumé

Cet article vise à explorer l'importance de deux lieux privilégiés dans la formation des sujets : la maison et l'école. Nous les comprenons comme des lieux d'accueil, d'enseignement et d'expériences. Ensemble ils composent des images qui participent à l'identification du sujet. La recherche fait partie des réflexions faites au cours de l'écriture du mémoire soutenu par la première chercheuse, en continuité avec son parcours universitaire (2015-2020). Dans cette démarche, elle a travaillé le concept de la maison comme lieu d'images poétiques intrinsèques à l'être. Elle l'appréhende comme le premier espace d'habitation, un lieu où se déroulent des actions associées au bien-être. Ainsi, réfléchir sur les espaces de formation résulte très inquiétant lorsque nous le constatons aujourd'hui, vue la rapidité du temps et la dévalorisation de la coexistence et des expériences. Devant ces absences, quelle place aurons-nous pour chercher les images de notre moi le plus imaginatif ? Nous observons que la perte de l'expérience créative entrave la construction d'un répertoire et l'action dialectique. Nous oscillons entre ce qui me traverse et ce qui m'arrive. A partir de l'enquête bibliographique, nous articulons les concepts d'image et d'espace, ainsi que ce d'expérience, de créativité et de récits autobiographiques. Notre but sera d'amplifier la singularité de l'être dans l'exercice de raconter son histoire à travers toute expression artistique, depuis les lieux de vie.

Mots-clés: espace de formation, habiter, image, récits autobiographiques, expériences, créativité

As imagens comunicam, contam uma história. Contam onde e como vivo, onde trabalho, contam das atividades, dos passeios, das pessoas com quem vivo e com-vivo. As minhas imagens contam as histórias que experienciei. Assim, as imagens contam do sujeito e dos seus espaços habitados, entrelaçam espaço e sujeito como raízes intrínsecas. No decorrer do meu percurso expressivo nas linguagens artísticas e na atuação como educadora, questionamentos relacionados à imagem me eram recorrentes: Que imagem vou retratar, significar ou (re)significar, dar forma ou (de)formar? De onde vêm as minhas imagens? O que vou recortar dos meus afetos e memórias? Quais causas e questões quero trabalhar, expressar?

Neste mesma época, chegou a mim alguns dos álbuns de família, os quais cresci folheando enquanto passava as férias escolares na casa da minha avó no interior do Paraná/Brasil. Desta vez, ao folheá-los e mostrá-los aos meus filhos, uma fotografia da minha avó jovem em especial, me saltou aos olhos. Essa imagem passou a estar em primeiro plano nos meus pensamentos, a gerar curiosidades, a lembrar e a buscar conhecer mais da avó, da casa que ela cuidava, dos fazeres e saberes que compartilhava ao cozinhar, nos bordados, pinturas, no corte e costura, nas músicas e tradições nas festas natalinas e juninas ou nas orações ao deitar.

Quando, a partir da materialidade das fotos ou das (entre)paredes que envolvem a casa, ressoa em nós o afeto por seus objetos, eles se tornam vivos, nossos, e já não os temos mais por objetos materiais: agora sentimos sua atitude, potencializamos seu valor e expressá-lo de forma palpável passa a ser uma necessidade para se ter o vislumbre de (re)ver as imagens alcançadas no plano imaterial. O poeta Pierre-Jean Jouve escreve: "a poesia é uma alma inaugurando forma" e Bachelard continua: "mesmo talhada em 'lugares-comuns', antes da luz poética interior a forma seria um simples objeto para o espírito. Mas a alma vem inaugurar a forma, habitá-la, comprazer-se nela." (2008, p. 6).

Assim, foi após a descoberta dessas imagens que em mim estavam, frutos do habitar e na *demora* no espaço casa, que se deu minha investigação artística, educacional e acadêmica, na tentativa de dilatar a significação da experiência vivida, ampliar a singularidade e criatividade do ser no exercício de narrar a sua história, seja pelas expressões escrita, oral, artísticas plástica ou visual, a partir de dois grande ambientes formadores: a casa e a escola.

1. As imagens contam

1.1 *Dos espaços que habitamos*

Segundo o dicionário, habitar é ocupar uma residência, morar em. Do latim, é colocar-se constantemente num mesmo lugar. A casa nos é apresentada como o primeiro lugar habitado, como o abrigo ao recém chegado, "o primeiro mundo do ser humano" (BACHELARD, 2008, p. 26), o lugar de cuidado, afeto, aprendizagem, apoio e unidade. Habitar não se refere simplesmente ao possuir uma residência, nos fala dos lugares onde a vida acontece, no entre-lugar das paredes, é nesse interior onde estão contidos os objetos, as fotos, as lembranças, as cores, os cheiros, as rachaduras que constroem a imagem do sujeito, tudo que diz respeito a ele está contido nas ações compartilhadas da casa que viveu: "a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo." (BACHELARD, 2008[1957], p. 354).

Habitar é um verbo, e como tal, implica uma ação. Assim, a casa é o lugar de experimentar as inúmeras formas de fazer e de ser, onde se compartilham práticas associadas ao bem-estar, o primeiro espaço para promover a potencialidade, criatividade e espontaneidade essenciais para os processos de experienciar a

vida. A casa em sua profundidade e amplitude, acompanha o fio narrativo da nossa história, assim, penso nela como um lugar de experiência a partir do conceito de Larrosa: "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (2002, p. 21) e segue:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular, ou de um modo mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem sentido de sua própria existência... por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (2002, p. 27).

Nesse pensamento, a casa é um espaço do que nos acontece: onde se faz junto, onde se aprende um bordado com a avó, uma receita de família com a mãe, uma técnica de desenho com o pai, onde senta-se à mesa, se ouvem as histórias dos mais velhos, prepara-se a casa para a chegada dos Reis Magos no dia da Festa de Reis etc. A casa, como um espaço de compartilhar, reverbera em nós como um grupo de hábitos repletos de experiências, nos fornece uma imensidão de imagens, é um lugar amplo e imaginativo onde o sujeito, alicerçado aos registros e à intimidade com seu espaço, encontra os seus valores. Sobre isso, Bachelard nos diz que:

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são móveis... Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade. (2008, p. 29).

Nos espaços de intimidade são concretizadas a *demora* das longas permanências, nos quais são divididos diversos conhecimentos: aprendemos receitas, maneiras de consertar e formular, calcular, reparar, ajustar medidas ou resolver problemas e conflitos, onde se divide e compartilha tempo e energia. Estas imagens são experienciadas nos espaços habitados, nos quais moramos e *demoramos*.

Junto a casa está a escola, visto que é um, senão o primeiro espaço em que somos recebidos fora do ambiente familiar, onde estamos desde a mais tenra idade até a vida adulta, num período de quatro à oito horas diárias, cinco vezes na semana. E por mais que sejam diferentes em tempos, paredes e estruturas, são igualmente lugares ao recém chegado, assemelhando-se na acolhida, nos cuidados, na orientação e na atenção às especificidades. E aqui faço apontamento a este recém chegado, que chega em diversas etapas da vida durante o seu percurso da vida escolar e acadêmica: na mudança de cidade, de escola, de ciclo, de turma, quando inicia a Graduação ou quando, já em idade adulta, retorna aos estudos fora das idades previstas. Deste modo, tomar consciência dos dinamismos dos espaços, entendendo-o como espaço de habitação sensível e íntimo, é ter respeito ao que chega, habita e experiência este espaço de amplitude e profundidade, lugar da proteção, de valores imaginados, figurativos e até simbólicos, é um espaço de valores vivo.

1.2 As imagens contam do sujeito que habita

As narrativas que habitam, falam a respeito da memória das histórias vividas, das brincadeiras de infância, das gargalhadas com os irmãos e primos, dos colegas de sala, das receitas mirabolantes, das quedas de bicicletas, do muro que pulamos e torcemos o pé, dos cafés da tarde, do fazer do pão, da primeira professora, daquela matéria difícil que costumamos a entender, do alento, das explicações pacientes, dos sermões na frente dos colegas que nos causou vergonha, dos interesses indevidamente silenciados, das curiosidades retalhadas etc. Compreendo aqui, as narrativas como experiências singulares, que me acontecem e que me passam:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA, 2002, p. 27).

O saber da experiência é pessoal ao sujeito, só faz sentido quando este encontra sentido, quando, no tempo presente, no aqui-e-agora, essas imagens se animam a trazer novas possibilidades e representações. Como diz Ostrower: “o homem é um ser formador, que é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele” (2016, p. 9), nesta relação do que acontece dentro e ao redor, o sujeito regula suas experiências — (re)significa — encontra soluções com respostas criativas. Na ressonância com sua imagens, reconfigura suas formas, e: “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim, porque precisa; ele só pode crescer, enquanto humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando” (OSTROWER, 2016, p. 10), e contribui Kandinsky: “a ressonância é, pois, a alma da forma... a forma é a expressão exterior do conteúdo interior” (1991[1979], p. 118).

Deste modo, perceber que o *me passa e me acontece*, é uma experiência singular a cada sujeito, ressonante às imagens interiores, nos encaminha a um entendimento de que a expressão é relativa, não há melhor ou pior forma, já que quem materializa, materializa aquilo que precisa ser comunicado, faz do sujeito produtor das suas significações. Portanto, a opinião de um espectador ou mediador precisa ser cautelosa, pois estamos a ver a expressão de um conteúdo intrínseco a necessidade de expressão, pois como disse Kandinsky: “assim, o espírito de cada artista se reflete na forma. A forma traz o selo da personalidade” (1991[1979], p. 119).

Ora, não tratamos neste texto de artistas, mas esse pensamento muito contribui, já que estamos a pensar a respeito da casa e da escola como espaços formadores do sujeito. Para corroborar, acrescento a definição da palavra formador: o que da forma, que cria, tem a adição do sufixo -dor, que indica a ideia de agente, que é quem executa a ação — ação que habita o entre-lugar dos espaços formadores.

Lembremos algumas das ações praticadas e vivências compartilhadas: culinária, desenho, pintura, costura, plantio e horta, contar uma história, encenar outra, dançar música de roda, acalantar etc., nesses saberes e fazeres do espaço habitado, de certa maneira experimentamos fazeres ditos de artistas. Nestes espaços coletivos de sujeitos individuais, imagens e conteúdos diferem-se desde a percepção até a expressão, logo não há melhor expressão da forma, há sim a necessidade interior de lidar com as imagens que ressoam. E para tal, uma ação criativa possibilita ao sujeito uma reconfiguração da imagem, uma nova reinterpretção da forma, e como Bachelard afirma: “A imagem só encontra sentido a partir do sujeito, a vida das imagens,

depende da vida de cada um...Mas, não há imagens sem imaginação, sem um processo que as inicie, as anime, as deforme, criando sempre imagens novas." (2008).

2. Os espaços habitados e o tempo

Nos dias atuais, com muitas compromissos, viver é sinônimo de muitas responsabilidades: lutar para o seu sustento, alcançar metas, ganhar prêmios etc., sem restar tempo para descansar ou estar junto com os que ama, seja apenas para sentar, ouvir aquela música preferida ou olhar para o céu a contemplar os desenhos e as mais variadas colorações que ele nos apresenta todos os dias.

Nas escolas essas responsabilidades se desdobram aos educadores com um currículo extenso a aplicar, aulas cronometradas sem tempo para vivências práticas, sem restar tempo para ouvir o que chega, saber como foi o retorno para casa no dia anterior, como estão os que habitam em sua casa, se estão a precisar de algo, e como ele, o próprio sujeito, está. Está, talvez, a precisar de auxílio por não entender algo que lhe é novo e ainda não tem entendimento, talvez a viagem de trabalho do pai, ou o irmãozinho mais novo que chega e rouba a atenção da família, ou a saudade do avô que faleceu, a falta da comida etc. São infinitas as questões de vida e, temos tempo para a resolução de tantas incertezas e questionamentos? Como, em primeiro, recebo a mim e, posteriormente, a quem chega?

Nesta exigente busca por desempenho, se estabelece a falta de tempo e conseqüentemente um processo de distanciamento, um esvaziamento nas relações de contato — daqueles contatos que são bons, que aquecem e acalentam a alma —, desta maneira, estamos a nos distanciar de nós mesmos, uns dos outros, e das experiências que poderiam *me passar e me acontecer*. Com esta perda da experiência e vivência nos lugares habitados, vamos nos tornando repetidores de papéis, sem espontaneidade, singularidade ou individualidade — estamos a viver com pressa e depressa, um tempo de medo que paralisa a ousadia e impossibilita a ação do nosso eu mais imaginativo e criativo. Na contrapartida, vemos o aumento das patologias e transtornos psicológicos, uma grande variedade de condições que afetam humor, raciocínio e comportamento, a exemplo dos quadros de raiva, hiperatividade, neuroses, depressões, ansiedades, baixa auto-estima, Distúrbio do Déficit de Atenção (DDA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) etc. O sujeito está de frente a uma coleção de situações — inúmeras janelas abertas — que o perturbam, interferem nas suas respostas e nos seus processos de ajustes, e por conseqüência, também no seu bem-estar.

Contribui para o diálogo a orientação da Gestalt-Terapia, fundada por Frederick e Laura Perls na década de 1940, uma abordagem fenomenológica existencial que entende o sujeito na totalidade mente-corpo-alma, e afirma que o que é interpretado e explicado é pouco confiável, o fundamental é o que é percebido e sentido no hoje, como tempo presente no aqui-e-agora. A abordagem permite ao sujeito através de uma ação criativa, o desenvolvimento de mais *awareness*, “no vocabulário da Gestalt-Terapia, um sentido próprio — que sintetizamos como saber da experiência" (ALVIM, 2014, p. 13), considerando o movimento entre contato, organismo e meio, no qual o indivíduo na busca por equilíbrio, percebe o sentido, o significado de si e do mundo.

Vemos então que essa interrupção de contato com os saberes da experiência, acaba por prejudicar a tomada de consciência do sujeito gerando um acúmulo de figuras e janelas abertas, inacabadas. "A ansiedade é a tensão entre o agora e o depois. Este lapso é um vazio geralmente preenchido com planos,

previsões, expectativas razoáveis, apólices de seguro" (PELRS, 1979, p. 153), não viver no aqui-e-agora, causa uma interrupção no presente e nas expectativas para o futuro, corremos para ter e para ser sabe-se lá o que. Vazios, exaustos — num espaço "aqui" que não diz respeito a um tempo no "agora", abre uma lacuna que o sujeito busca preencher com excessos de todos os tipos, que são geralmente superficiais. É importante perceber que esta lacuna, como numa analogia com a terra: primeiro precisa ser arada, descompactada para receber as novas sementes — sementes que posteriormente criaram raízes, e que no seu tempo, frutificarão. Ação esta, que certamente exige mais trabalho, mas que por fim é mais resistente, é mais bela e com frutos mais verdadeiros, que requisitaram tempo nos espaços habitados.

Assim, viver bem, desfrutar dos bem-estares, é viver no aqui-e-agora. Presume que na ação de criar uma dialética entre o que *me passa e o que me acontece*, o sujeito encontra sentido nas suas experiências e por meio de um movimento criativo, pode produzir novas respostas, configurar novas formas, reinventar a partir de imagens pré-estabelecidas. Ser criativo e inventivo é fundamental para as (re)significações necessárias ao sujeito, proporciona a ele a possibilidade de, — como na ótica do caleidoscópio — poder transmutar as cores e as formas, assim também o autor, com as imagens e formas que vê: pode criar, (re)aprender, e (re)inventar a si mesmo.

3. Expressões artísticas — e as narrativas que me habitam.

É no valor de tomar consciência dos dinamismos dos espaços habitados, como um conjunto de imagens que compõem o sujeito, que agrego a prática da narrativa autobiográfica, como processo da potencialização de singularização do sujeito, que no percurso da procura do sentido das suas experiências cria uma relação dialética entre o que *me passa e o que me acontece*. A ação se destaca na importância da valorização das experiências vividas, que impulsionada pela imaginação criadora permite ao sujeito reinventar-se na necessidade do tempo presente, sempre numa relação reflexiva consigo mesmo, compreendendo-se a partir da sua história como um ser de experiência e em constante formação.

A narrativa autobiografia é uma abordagem frequentemente usada em pesquisas educacionais, objetivadas através da escrita de si e a compreensão do outro, estudar os docentes e conhecer as reflexões que se dão na vivência dos seus processos de formação e profissionalização, fundamenta-se na idéia de apropriação que o indivíduo faz de sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida.

Agrego ao conceito das narrativas autobiográficas o fazer artístico, as criações e expressões plásticas. O fazer artístico quando expressão, a partir da vida das imagens de cada um, muito contribui para um processo de ajustamento, de (re)significação e reinvenção de si. Silva diz,

Para Herbert Read (1943) a expressão é efectivamente um acto libertador das energias em nós contidas, por norma, grandemente desconhecidas para o próprio, energias geralmente desencadeadoras de um processo, o qual afluir para o aperfeiçoamento e desenvoltura harmónica do indivíduo, no que diz respeito à sua própria re-educação ou re-construção. (SILVA, 2008, p. 2).

Nesta busca, eu posso afirmar que as experiências vivenciadas no meu processo formativo contribuíram muito para meus ajustamentos e (re)significações. Sou licenciada em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Artes (FPA), e atualmente estou em processo de especialização no curso de "Arteterapia/Terapias Expressivas" da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Nas aulas, normalmente nos era solicitado esse

tema, objeto ou assunto, sendo ponto de partida para a experimentação do fazer artístico. Em uma das aulas de "Composição Visual - Poética", o professor apontou algumas características comuns dos meus trabalhos, as quais nunca tinha notado, como: a questão das flores, como um universo que brota; e o caráter feminino, me apresentou às mulheres latinas, levou algumas referências de homenagens à mulheres. A partir daí, passei a olhar de outra forma para o trabalho, tentando entender do que eu estava falando.

Perceber que a minha produção artística trazia um discurso que estava disassociado do meu entendimento, como ser consciente, me levou questionamentos sobre qual era a minha fonte motivadora, de onde vinham as imagens que por mim estavam sendo expressas na arte. Este foi o momento que a chave mudou, passei a investigar os meus processos, os porquês das cores, dos assuntos. Nascia a curiosidade de entender de onde surgiam as ideias, por que o olhar uma foto antiga de família me suscitou e conduziu para ambientes internos, que não percorria à tempos? E nesse percurso, como se fosse possível, objetos eram vivos: a imagem parecia ter forma, cor, sabor, energia e até ser palpável, trazia sensações das experiências reais, imaterialidades que cabiam nas materialidades. Compreendi que aquilo que era irreal, porque hoje já não existia, na realidade era real e palpável, era meu e era eu. A história, a casa com seus cômodos cheios de tantas coisas que me pertenciam exclusivamente porque eu pertencia a eles.

Na ação de habitar os espaços formadores, pude animar as minhas imagens, e as fazer palpáveis, pude martelar algumas formas que me amedrontavam, pude separar figuras de fundos, pude me dedicar a jardins que já não existiam mais, pude dar novos adereços a quem amo, pude construir casas diversas: a vazia, a dos afetos, pude dar continuidade a crochês não terminados, pude limpar algumas bagunças, pude chorar porque minha mãe morreu, pude ver os frutos do coração, pude ser abraçada por ser quem eu sou.

CONSIDERAÇÕES

Nesta articulação das experiências vivenciadas nos espaços habitados, a significação do que *me passa e o que me acontece* para ser percebido, necessita da *demora*, de tempo e da sua quietude. Para alcançarmos a vida de uma imagem é preciso pausa, é preciso olhar, é preciso estar. Cá só estamos se chegamos, se pousamos. O que sustenta e nutre os espaços habitados, não são as paredes, mas sim a experiência das imagens habitadas.

Neste processo de leitura e escrita, encontrei novos autores que podem contribuir para alargar a pesquisa, como a pesquisa da autora Peres que percebe o sujeito na interação com o meio, que a partir dos saberes e experiências constrói seu repertório, e neste processo o imaginário tem papel fundamental pois é onde se encontra as criações do pensar humano, onde acontece a significação da existência individual e para com o meio. Neste lugar, estão guardados as imagens, afetos, experiências e sensações, onde está tudo o que faz sentido e que impulsiona o agir cotidiano do sujeito; também encontrei em Gilbert Durand estudos complementares a Bachelard, nos quais trabalha a importância da representação da imaginação simbólica, a partir da consciência do sentido da imagem — a via simbólica como instrumento capaz de trazer a tona sentidos; e em último momento encontrei no artigo de Silva, a relação acentuada entre a educação e a arte, e questionamentos sobre o exercício docente, como *a quem, como e o que ensinar*.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M.H.M.B. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação. in: *Educação, Porto Alegre*, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago, 2011.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Original publicado em francês 1957).
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BOTELHO Alvim, Mônica; Ribeiro, Jorge. O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 9, núm. 1, enero-abril, 2009, pp. 37-58 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Acesso em: 15 de set 2019.
- CAVACO, Carmen de Jesus Dores. Formação de Educadores numa perspectiva de construção do saber – Contributos da abordagem biográfica. *Cad. Cedes, Campinas*, v.35, n. 95, p. 75 - 89, jan.- abr., 2015.
- FERREIRA, Sandra Lúcia. *Imagens de Escola e as representações sociais*. Curitiba: CRV, 2015, v.1. p.155.
- JESUS, Marcos paulo Alves de. Considerações sobre o habitar cotidiano no pensamento de martin Heidegger. *Existência e arte - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes*. ano 3, n. 3, 2007.
- JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa, Ed 70, 1994.
- KANDINSKY. Olhar sobre o passado. Tradução de Antonio de Padúa Danesi. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991(Original publicado em francês 1979).
- LAROUSSE; CARVALHO, laiz barbosa de. *Minidicionário Larousse da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 24º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. In: *Educação, Porto Alegre*, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.
- PERES, Lucia Maria Vaz. *Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras*. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.
- PERLS, F.. *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, 2 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1977.
- SILVA, Levi L. F.. 2008. "Educação pela Arte", *Quaderns Digitals – El Portal de Educació*n, 54: 1 - 12. *Revista Iberoamericana de Educación OEI – Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, Ciencia y la Cultura*: ISSN: 1681-5653 (26/11/2008). Acesso em: 10 de março 2020.